

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT21.026

QUANDO O ASSUNTO É DESIGUALDADE SOCIAL: COMO OS JOVENS PERCEBEM ESSE FENÔMENO NA ESCOLA

Francisca Bruna Pereira Farias¹
Maria Gildevania Paiva de Oliveira²

RESUMO

O presente trabalho apresenta os resultados da pesquisa que teve como objetivo investigar como os estudantes do ensino médio percebem as desigualdades sociais. De modo específico, o trabalho buscou analisar as relações existentes entre juventude, educação e desigualdade social, levando em consideração a visão que os jovens têm da escola, o papel que eles atribuem a ela na construção e concretização de seus projetos de vida e como as desigualdades sociais permeiam e impactam o cotidiano escolar no ensino médio. O estudo consistiu em uma pesquisa-formação, com abordagem qualitativa. Participaram da pesquisa 65 estudantes, regularmente matriculados em uma Escola de Ensino Médio em Tempo Integral localizada na cidade de Sobral, interior do Ceará. A coleta de dados foi realizada através de oficinas narrativas-autobiográficas. A interpretação dos dados se deu a partir da análise das matérias produzida pelos discentes, amparados em uma leitura crítica sobre as desigualdades sociais no campo educacional, considerando apontamentos teóricos de estudos como os de Bourdieu, Jessé de Souza, Yanoulas, Duarte, Dayrel, que consideram que a escola reproduz as desigualdades sociais existentes, mas, que ainda assim, é uma importante ferramenta de superação das mesmas. Nessa perspectiva, como resultado,, foi possível perceber um olhar semelhante dos discentes em relação a esse fenômeno, em que relataram vivenciar as desigualdades de dife-

1 Mestre em Psicologia e Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará- UFC, brunafariaspsicologa@gmail.com;

2 Pós-graduada em Psicopedagogia institucional, Clínica e Hospitalar pela Faculdade KURIUS, gil.rafael20@hotmail.com

rentes modos dentro da escola, entretanto, enxergam na educação uma maneira de combatê-las.

Palavras-chave: Desigualdade Social, Escola, Juventude, Ensino médio.

INTRODUÇÃO

A relação entre juventude e escola é complexa e multifacetada, permeada por uma série de fatores que abrangem aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos. Nesse contexto, as desigualdades sociais emergem como um fenômeno marcante e presente no cotidiano escolar, influenciando não apenas a estrutura educacional, mas também a experiência vivida pelos alunos. Essas desigualdades se manifestam de diversas formas, afetando os processos de ensino e aprendizagem, bem como as interações, tanto objetivas quanto subjetivas, que ocorrem dentro dos ambientes educacionais.

Segundo Bourdieu e Passeron (2014), as desigualdades na educação manifestam-se de maneira multifacetada, afetando tanto o acesso à escola quanto a experiência dos alunos no ambiente educacional. Para as crianças provenientes de famílias de baixa renda, a dificuldade de ingresso nas instituições de ensino é apenas uma das barreiras enfrentadas. Embora a “democratização” do sistema educacional tenha permitido que esses estudantes ingressem em escolas que antes lhes eram inacessíveis, a realidade é que esse acesso não se traduz, necessariamente, em sucesso acadêmico ou em uma superação efetiva das condições sociais desfavoráveis.

Bourdieu e Passeron (2014) destacam que, uma vez dentro da escola, esses alunos rapidamente se deparam com um ambiente que não é igualmente acolhedor ou estimulante. As desigualdades se revelam na forma como o conhecimento é valorizado, nas expectativas que professores e colegas têm em relação a eles e nas oportunidades de aprendizado que recebem. Além disso, o fracasso escolar tende a ser atribuído ao mérito pessoal, criando uma narrativa que responsabiliza os alunos por suas dificuldades, sem considerar as desvantagens estruturais que enfrentam. Essa lógica não apenas perpetua estigmas, mas também obscura as verdadeiras raízes das desigualdades educacionais, dificultando a percepção de que o contexto socioeconômico desempenha um papel fundamental na formação de oportunidades e resultados educacionais.

Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo compreender como os alunos do ensino médio percebem e vivenciam essas questões da desigualdade. Ao explorar suas experiências e pontos de vista, busca-se revelar a maneira como esses jovens lidam com os desafios impostos por um sistema educacional que muitas vezes reflete as disparidades da sociedade em que estão inseridos.

O interesse pelo tema surgiu a partir das aproximações pessoais e acadêmicas das autoras que estudam essa temática. Essa curiosidade se intensificou ao longo da nossa prática profissional como educadoras, em instituições públicas que atendem a jovens de diferentes estratos sociais. Essa vivência cotidiana nos proporcionou um olhar mais atento e reflexivo sobre as problemáticas enfrentadas por esses estudantes, levando-nos a questionar como as desigualdades sociais impactam suas trajetórias acadêmicas e pessoais.

A relação entre desigualdade e educação rende diálogos permanentes, onde alguns atribuem à educação um papel central na superação das desigualdades e outros acreditam que a escola é mais uma das inúmeras instituições sociais que reproduzem as desigualdades existentes.

Diante dessa dicotomia de opiniões sobre o papel da educação no combate às desigualdades, ressalta-se a relevância de destacar os sentidos singulares que a temática apresenta para os jovens que vivenciam essa realidade. Nas vivências e interlocuções com as juventudes percebemos a importância de construir diálogos abertos com esses sujeitos, onde eles sejam protagonistas dos estudos que os envolve, respeitando e valorizando o que esses jovens têm a dizer, criando espaços de reflexão sobre suas realidades. Foi nessa perspectiva que esta pesquisa se construiu, não como uma análise exterior de um problema, mas como uma construção coletiva de interpretações e experiências vividas.

A partir dessas indagações, foi possível construir mais do que uma pesquisa exploratória, conseguimos estabelecer espaços de aproximações e reflexões com os jovens, onde pudemos lançar outros olhares para a temática em questão.

Assim, ao investigar essa relação entre juventude e escola, esperamos contribuir para um entendimento mais profundo sobre as realidades enfrentadas pelos alunos e, ao mesmo tempo, fomentar um debate necessário sobre a importância de um ambiente educacional inclusivo e equitativo. A análise dessas dinâmicas é fundamental não apenas para a formação de políticas públicas mais eficazes, mas também para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

METODOLOGIA

O presente estudo é uma pesquisa de cunho qualitativo, visto que busca a coleta de dados descritivos, geralmente colocando o pesquisador em contato direto com o objeto de estudo (NEVES, 1996, p. 1). Tal trabalho será orientado por

uma abordagem sócio-histórica. Para Freitas (2002), “trabalhar com a pesquisa qualitativa numa abordagem sócio-histórica consiste, pois, numa preocupação de compreender os eventos investigativos, descrevendo-os e procurando suas possíveis relações, integrando o indivíduo com o social” (FREITAS, 2002 p. 28). Nessa perspectiva, a pesquisa adotou as estratégias descritas a seguir.

Adotou-se a pesquisa-formação como tipo de delineamento escolhido para instrumentalizar o processo de construção de dados junto aos estudantes do ensino médio. Ao longo das últimas décadas, tem sido um esforço comum e constante dos pesquisadores a tentativa de romper com os paradigmas de uma suposta neutralidade científica, ancorando-se na ideia de que uma aproximação entre pesquisador-pesquisado possibilita a construção de um campo científico mais humano, dialógico e sensível. (PERRELI et al, 2013, p. 280).

Ancorado na proposta de Josso (2004), a concepção de pesquisa formação veio de encontro com a tentativa de construir com os estudantes espaços de aproximação, reflexão e aprendizagem. Para a autora, a pesquisa-formação congrega, pois, a dimensão formativa como elemento potencial e primordial da investigação, da qual cada etapa é “uma experiência a ser elaborada para que quem nela estiver empenhado possa participar de uma reflexão teórica sobre a formação e os processos por meio dos quais ela se dá a conhecer” (JOSSE, 2004, p. 113).

Para mediar esse processo, o diálogo, a aproximação e a construção de conhecimento, as narrativas autobiográficas foram a abordagem escolhida para sistematizar as oficinas realizadas com os estudantes. Essa metodologia se fortificou no Brasil a partir de 2004 e pode ser compreendida como “instrumento, ao mesmo tempo, de formação e de pesquisa, de prática da pesquisa-formação, com o apoio a uma pedagogia de autotransformação e do projeto que se baseia na experiência de vida dos aprendentes”. (JOSSE, 20110, p. 133).

A cidade de Sobral foi escolhida como cenário para o estudo. O município conseguiu, através de uma reformulação nas políticas municipais de educação, melhorar a qualidade de ensino e apresentar um dos melhores Índices de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), ocupando um lugar de destaque na educação do país (ROCHA et al, 2017, p16).

No que tange à desigualdade social, segundo pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada- IPEA, a cidade de Sobral apresenta um índice de GINI de 0,56 (IPEA, 2010). Esse índice é usado para medir o grau de concentração de renda. Apontando diferença entre os rendimentos dos mais

pobres e dos mais ricos. Numericamente, varia de 0 a 1, sendo que 0 representa a situação de total igualdade, e 1 significa completa desigualdade de renda (IPEA, 2010). No caso, o município apresenta-se em uma posição mediana em relação à distribuição de renda da população.

Apesar da excelência apresentada na educação do município, Sobral-CE tem apresentado índices alarmantes no que tange às violências e as vulnerabilidades, sobretudo quando se trata da população jovem. Para a minimização dessa problemática a cidade tem construído e fortalecido políticas interseccionais, onde há um forte investimento na educação como instrumento capaz de transformar essa realidade (ALVES et al, 2023, p. 3268). Além disso, o município tem aderido à proposta do Estado em ampliar o número de escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Em 2022 o município possui oito escolas EMTI, sendo três dessas de educação profissional. Tais informações aguçam o interesse e reforçam a importância de se realizar um estudo no município que investigue essa relação entre educação, juventude, projeto de vida e desigualdades sociais.

A Escola onde os dados foram coletados fica situada no distrito de Jaibaras-Sobral, é vinculada à 6ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação-Sobral (CREDE). Atualmente, com sede própria, com novas e modernas instalações, com diversos laboratórios, passou a ser escola referência na oferta de aulas de ensino médio para a localidade, funcionando na modalidade de ensino de Tempo Integral.

A modalidade de ensino em Tempo Integral foi uma proposta adotada pelo Estado e organizada pela Secretaria de Educação (SEDUC), com o objetivo de ampliar a carga horária letiva para nove horas diárias, acreditando que esse modelo de ensino amplia as oportunidades de ensino e possibilita um desenvolvimento maior nas áreas cognitivas e socioemocionais. (CEARÁ, 2017).

Os sujeitos da pesquisa foram 65 jovens em situação de vulnerabilidade social, regularmente matriculados no 3º ano do ensino médio. O terceiro ano do Ensino Médio se apresentou como um público importante para participar do estudo por ser considerado o último ano do ensino regular. Os estudantes dessa etapa têm que lidar com diversas expectativas e cobranças tanto pessoais, quanto sociais em relação ao futuro que pretendem construir. Tornando-se para muitos um momento de angústias, anseios, dúvidas, pressão e sonhos. Além dos critérios acima mencionados, os jovens que estão cursando o último ano da educação básica se apresentaram como um público que pode falar com propriedade sobre sua relação com a escola, já que vivenciaram todas as etapas do

ensino e passaram boa parte de sua infância e juventude em contato direto com a escola.

A primeira parte da coleta de dados do estudo se deu através de um levantamento do perfil socioeconômico dos estudantes. Essa investigação ocorreu por meio de Formulário Online enviado nos grupos de Whatsapp das turmas e preenchido por todos que aceitaram participar da pesquisa. Esse instrumento teve como intuito mapear alguns indicadores de vulnerabilidade e desigualdade social vivenciados pelos alunos. Para isso foram considerados tanto aspectos objetivos, quanto subjetivos, tais como: raça; gênero; renda; escolaridade dos pais e familiares; histórico de acesso a dispositivos de educação; contexto social em que residem e contato com algum tipo de violência.

Considerou-se esse levantamento como parte fundamental da pesquisa, pois nos permitiu entender quem são esses jovens que protagonizaram a pesquisa e como se configuram suas histórias de vida.

A segunda parte da coleta de dados se deu mediante a realização de Oficinas autobiográficas. As oficinas ocorreram de forma presencial, com os estudantes das três turmas de terceiro ano da escola, denominadas 3ºA, 3ºB e 3ºC. A coleta de dados ocorreu durante os meses de outubro e novembro de 2022. Nesse período, os alunos estavam na reta final do ensino médio, se preparando para as avaliações e vestibulares, e se despedindo do contexto escolar. Tais fatores permitiram que eles enxergassem as oficinas como um momento oportuno de vivenciar, refletir e relatar como estava sendo esse momento.

As oficinas foram realizadas, conforme acordado previamente com a escola, durante as aulas do itinerário formativo Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais (NTPS). Os encontros foram mediados pela pesquisadora e pelo professor responsável pelas aulas que correspondem ao itinerário.

Foram realizadas cinco oficinas, que duravam de 50 minutos a 1 hora e 40 minutos, havendo variação de acordo com a carga horária da aula e do conteúdo abordado. Durante a realização pôde-se explorar diferentes espaços da escola, a sala de aula, biblioteca, os espaços ao ar livre. Isso permitiu uma maior aproximação com o campo e com os alunos.

Este artigo apresentará as resultados e as discussões construídas durante uma das oficinas. Onde foram discutidos pontos sobre escola, desigualdade social, histórias de vida e a influência disso na consolidação de um projeto de vida.

O trato dos dados coletados se deu através de análise dos materiais produzidos durante as oficinas autobiográficas. Partes dos conteúdos presentes nesses materiais foram sistematizados e apresentados ao longo dos resultados e discussões deste artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

MARCAS DA DIFERENÇA: ANÁLISE DO PERFIL E DAS HISTÓRIAS DE VIDA DOS ESTUDANTES PESQUISADOS

Falar das desigualdades é pensar antes de tudo sobre os sujeitos, suas histórias e vivências. Conhecer os sujeitos, suas histórias e narrativas de vida, é o ponto de partida para se falar sobre o a relação entre escola, juventude e desigualdade social. Dentro das possibilidades e limitações que um grupo de pesquisa oportuniza, buscou-se nos primeiros encontros com os estudantes, conhecer quem são os jovens que compõem o terceiro ano do ensino médio da escola pesquisada.

A partir da análise dos perfis socioeconômicos, levantados através do formulário aplicada na primeira etapa da coleta de dados, e das histórias de vida narradas pelos estudantes durante a primeira oficina, observamos que os 65 alunos que protagonizaram esse estudo possuíam perfis socioeconômicos e histórias de vida semelhantes, sobretudo se comparados os estudantes da mesma turma. Mas, apesar dessas semelhanças, foram as singularidades narradas por cada um que se constituíram como elementos marcantes dos modos subjetivos de perceber a educação.

Participaram do estudo 30 alunos do terceiro ano A, sendo 23 mulheres e 07 homens, destes, 4 eram maiores de 18 anos; 19 alunos do terceiro ano B, sendo 7 mulheres e 12 homens, destes, 8 eram maiores de 18 anos; e 16 alunos do terceiro ano C, dentre eles 8 mulheres e 8 homens, onde 4 alunos eram maiores de 18 anos. Desse modo, os participantes do estudo foram majoritariamente mulheres, representando em torno de 58,5% dos pesquisados. A maioria era jovem menor de 18 anos, com faixa etária entre 16 e 17 anos, apenas 24,6% dos participantes já possuíam mais de 18 anos, nenhum dos alunos tinha mais de 20 anos de idade.

Dos participantes da pesquisa 94,7% disseram que estão solteiros ou namorando, apenas 1 estudante respondeu que está vivendo em união estável. Em relação à cor, raça e etnia, as turmas também apresentaram perfis seme-

lhantes. Onde 57,9% dos estudantes se declararam pardos, 31,6% se declararam brancos e 10,5 % se autodeclararam pretos.

Outro dado significativo apresentado pelo perfil dos estudantes foi em relação ao mercado de trabalho e a empregabilidade, apesar de estarem matriculados em uma escola de tempo integral, com carga horária de 8 horas diárias, 21,1% dos estudantes disseram exercer algum tipo de trabalho. A maioria realiza atividades autônomas, como maquiador, designer de sobrancelhas, vendedor de lojinhas online. Outros trabalham no turno da noite, como entregador, borracheiro, atendente de lanchonete/restaurante e/ou supermercados, ou auxiliam no empreendimento dos pais ou familiares. Outra atividade de trabalho comumente relatada pelos alunos, sobretudo os do sexo masculino, eram os serviços na agricultura e na pecuária.

Os estudantes que exercem algum tipo de atividade laboral relataram, durante as oficinas autobiográficas, que os trabalhos que realizam estão diretamente relacionados a questões de renda. A maioria se dedica a essas atividades como forma de ajudar a família no sustento da casa, ou como uma maneira de conseguir dinheiro para acessar alguns bens, como celular, internet, roupas, calçados, entre outros.

Sendo assim, 31,6% dos estudantes disseram possuir uma renda familiar menor que um salário mínimo. Em torno de 15,8% dos alunos apontaram possuir renda familiar de até um salário mínimo. Já 36,8% dos estudantes disseram ter uma renda familiar de até dois salários mínimos. O restante dos alunos, cerca de 155,8%, apontaram possuir uma renda familiar de dois a quatro salários mínimos, e nenhum estudante apontou possuir renda familiar igual ou superior a cinco salários mínimos. Vale ressaltar também que a maioria desses jovens, mais de 60% deles, possui um núcleo familiar composto por mais de 5 pessoas. Com esses dados é possível inferir que a maioria dos estudantes pertence à camada popular, com renda per capita que os enquadram como jovens de classes baixa ou média.

Os jovens demonstraram-se, em sua maioria, orgulhosos de poder exercer alguma atividade para ajudar na sua subsistência e da sua família, ao mesmo tempo em que apontavam que trabalhar não era uma opção, mas uma necessidade, imposta por pertencerem a camadas populares.

Em suas narrativas biográficas foi possível observar uma ambiguidade nas tentativas de conciliar os papéis de ser jovens-alunos e jovens-trabalhadores. Ao mesmo tempo em que relataram ser difícil administrar as atividades estudantis

concomitantes às atividades laborais, por estarem mais cansados, possuir menos tempo livre, se sobrecarregarem de atividades, não encaram o trabalho como um empecilho para seu bom desenvolvimento acadêmico e sim como algo que os oportuniza, dentre outras coisas, se manterem na escola, pois é através do trabalho que conseguem ter acesso aos recursos didáticos essenciais para a carreira estudantil, como livros, internet, aquisição do fardamento e material escolar. Além disso, é através dessa renda que os jovens conseguem participar das atividades comuns à juventude, como ir a festas e eventos, frequentar clubes, restaurantes, atividades de socialização comuns entre os alunos pesquisados.

Este modo de vivenciar a juventude que os pesquisados trouxeram, nos faz lembrar sobre o conceito de moratória social, que se caracterizaria pela possibilidade que os jovens de algumas classes sociais, sobretudo as classes médias, usufruam um tempo legítimo para se preparar e se capacitar para o mercado de trabalho. Como coloca Andrade e Meyer (2014), essas modalidades não são experienciadas do mesmo modo nas diferentes classes sociais, entretanto, as juventudes de classes populares, como as que protagonizaram este estudo, também gozam de certo período de moratória, entretanto ela é vivida de outros modos.

Dessa maneira, podemos entender que o trabalho para esses jovens é ao mesmo tempo uma necessidade e uma das condições possíveis para ajudar na renda familiar, como também algo importante para a construção de suas identidades juvenis e estudantis, pois o trabalho é visto como algo que proporciona a esses jovens terem acesso a bens, serviços e lugares que os seus pares acessam.

Essa relação do jovem com o trabalho vai de encontro com que Rocha e Góis (2010, p. 473) pontuam em seu estudo, onde salientam que o trabalho para o jovem ganha um status de agente promotor de valorização de si, entretanto, seu papel é paradoxal, pois na sociedade consumista como a nossa, ao mesmo tempo que o trabalho propicia a valorização do ser e da dignidade, ele ancora o valor do ter como forma de inclusão dos jovens e constituições de suas identidades e papéis sociais.

Nessa perspectiva, Linhares (2014, p. 12), ao analisar a inserção de jovens sobralenses no mercado de trabalho, destaca que a atual tessitura social do país, onde as desigualdades e o desemprego são fenômenos marcantes, faz com que uma grande parcela da população jovem, sobretudo as pertencentes a camadas populares, entre cada vez mais cedo no mercado de trabalho com intuito de suprir suas necessidades básicas, bem como de suas famílias.

Alguns dos dados marcantes da história de vida desses alunos estão relacionados aos locais aos quais pertencem, aos territórios em que residem e os lugares de onde vieram. Apesar de todos pertencerem ao distrito de Jaibaras-Sobral, os alunos residem em territórios diversos. A região em que moram é composta por pequenas localidades, que apesar da proximidade geográfica, apresentam características peculiares.

Um pouco mais da metade dos estudantes, cerca de 63%, moram na zona urbana de Jaibaras, onde ficam localizados a maioria dos equipamentos e serviços da região, como as unidades básicas de saúde, praças, supermercados, igrejas, escolas, inclusive a unidade de ensino que frequentam. Vale ressaltar que essa é a única escola de ensino médio da redondeza, responsável por receber todos os estudantes que moram nessa microrregião de Sobral. O grupo de alunos que reside nesse território possui uma facilidade de acesso maior a esses equipamentos, incluindo a escola. Vivenciam uma realidade estrutural que não faz parte da realidade do restante dos colegas, como acesso a saneamento básico, pavimentação das ruas, a iluminação pública, a água encanada.

A outra porcentagem dos jovens pesquisados, em torno de 38% dos alunos, reside na zona rural de Jaibaras, em pequenas localidades, com desenvolvimento estrutural bem menor. Algumas dessas localidades não possuem saneamento básico, iluminação pública, água encanada. Alguns povoados encontram-se até 30 minutos de distância do centro, onde fica localizada a escola, o que faz com que o acesso à unidade escolar seja dificultado a esse público, que tem que acordar mais cedo, que depende do transporte escolar para se deslocar e muitas vezes tem acesso limitado à internet e aparelhos tecnológicos.

Dessa forma, percebe-se que os modos de se vivenciar a juventude, de se relacionar com a escola, de se pensar os seus projetos de vida, está diretamente relacionado aos espaços onde essas juventudes se constituem. Em uma instituição de ensino, temos alunos com realidades pessoais e sociais diferentes. Portanto, essas diferenças necessitam ser consideradas e compreendidas pela escola.

Além disso, as vulnerabilidades sociais vivenciadas por esses jovens também se distinguem a partir dos territórios que residem. Enquanto os alunos da zona rural vivenciam situações de vulnerabilidades ligadas ao acesso dificultado a bens, serviços e equipamentos essenciais, os alunos da zona urbana enfrentam demandas ligadas a violência, a criminalidade, a falta de segurança pública, o envolvimento com drogas e facções criminosas.

A maioria dos jovens residentes nas ruas do centro de Jaibaras relatou não se sentir seguro em circular pela comunidade. 63% desses alunos relataram presenciar ou saber de situações de violência e/ou criminalidade no território em que residem. Tais configurações influenciam de maneira significativa nos processos de ensino desses jovens, o que foi percebido de forma clara durante a realização da quarta oficina, onde ao falarem de suas perspectivas futuras para a comunidade, apontaram o desejo de residirem em outros espaços.

Nos discursos analisados, emergem diversos aspectos que configuram as desigualdades, refletindo as realidades de indivíduos pertencentes a diferentes classes sociais. Segundo Souza (2009), na sociedade brasileira, as classes sociais não são definidas apenas pela renda e pelo poder econômico, mas, de maneira crucial, pela capacidade dos indivíduos de acessar recursos materiais e simbólicos. Essa dinâmica contribui para a perpetuação das desigualdades no país, criando um ciclo vicioso que dificulta a mobilidade social e acentua as disparidades existentes (SOUZA, 2009).

Outro fator marcante na história de vida dos jovens está ligado aos seus processos educativos. Quase que a totalidade dos jovens pesquisados pontuou, durante a primeira oficina biográfica, que uma conquista importante de suas vidas é o fato de estarem concluindo o ensino médio. Ao compartilharem durante a atividade as pessoas por quem são gratos, os alunos mostraram o sentimento de gratidão aos pais e aos professores, justamente por enxergarem essas figuras como incentivadores importantes na conquista de conclusão do ensino médio.

As trajetórias estudantis narradas por esses alunos não foram marcadas apenas pelos seus processos de aprendizagem. A maioria dos estudantes demonstrou carregar consigo a missão e o desafio de ser um dos primeiros do núcleo familiar a concluir o ensino médio, ao mesmo tempo em que se sentem responsáveis por possuir uma trajetória escolar diferente das de seus pais. Dos 65 estudantes que participaram da pesquisa, mais de 50% relataram que os pais não chegaram a concluir o ensino fundamental. Apenas cerca de 5% dos estudantes, os pais possuíam ensino superior completo.

Esses dados demonstram a importância que a instituição familiar assume na vida escolar desses sujeitos, ao mesmo tempo dizem do papel que a escola desempenha na vida dessas famílias. Assim como apontado em outros estudos, é possível constatar que para a maioria dos jovens estudantes a família ocupa um lugar central no momento de discutir assuntos que consideram importantes na

vida deles, sobretudo quando ligados a questões que envolvem seus projetos de vida. (DAYREL, 2005; SILVINO, 2009; SPÓSITO, 2005).

As relações que esses jovens mantêm com a escola, e o papel que essa desempenha em seus projetos de vida, estão fortemente marcadas pelo perfil e histórias de vidas, que carregam consigo as marcas das diferenças seja financeira, estrutural, de cor, de raça ou de gênero. Entender essas tessituras e conhecer quem são os jovens alunos do terceiro ano do ensino médio da escola pesquisada, e ao mesmo tempo construir com esses estudantes um espaço de reflexão e compartilhamento de suas narrativas de vida, mostrou-se fundamental na busca de compreender como enxergam a relação da escola com as desigualdades sociais.

O PAPEL DA ESCOLA NO QUE TANGE ÀS DESIGUALDADES SOCIAIS

Além dos dados apresentados no levantamento do perfil socioeconômico, durante as oficinas autobiográficas os alunos puderam tornar público outros aspectos relevantes de suas narrativas, em que apontam para a relação que os jovens fazem da escola com as desigualdades sociais:

“A escola na minha vida é mais como uma forma de escape, um aprendizado para que eu possa evoluir e escapar da minha realidade”. (Joelma, 3A)

“Na escola Ayres de Sousa, por exemplo, esse projeto viabilizou a entrada de muitos alunos na universidade, pois incentivam a não se contentarem com a realidade a qual estão inseridos e habituados, possibilitando assim, a quebra de um grande e antigo ciclo de desvalorização da educação e da desigualdade social”. (Carla, 3A).

Esses jovens enxergam a escola como uma ferramenta potente na superação das desigualdades sociais, para transformação das realidades que vivenciam e para melhoria de suas condições financeiras. Nesse sentido, a escola assume o papel de proporcionar aos sujeitos habilidades e conhecimentos que possam dar respostas às demandas sociais. Segundo, Tonet (2016), a necessidade da educação está no fato desta viabilizar a aquisição de conhecimentos e habilidades, comportamentos e valores que permitem os indivíduos a se tornarem capazes de participar conscientemente (mesmo que essa consciência seja limitada) da vida social. (p.9)

Apesar de ser entendida como precursora de mobilidade social, a relação escola e desigualdade social, como alertam alguns estudos, é um fenômeno multideterminado. (DUARTE, 2012; PINELY, 2020; YANOULAS, 2020). Sabe-se que a educação é a principal porta para a qualificação dos sujeitos e sua entrada no mercado de trabalho, fatores determinantes para a superação das vulnerabilidades no nosso país. “Entretanto, é necessário compreender os limites da sua capacidade de ascensão social por meio da empregabilidade, desvelando mitos meritocráticos que nublam as causas e possibilidades de superação da pobreza e desigualdade social”. (PINELY, 2020, p. 46)

Nos discursos dos estudantes é possível perceber que embora reconheçam o papel da educação na superação das vulnerabilidades que enfrentam, eles apontam sentir que as desigualdades se apresentam na escola de outras maneiras:

“Eu acho que existe desigualdade na nossa escola, por exemplo, eles dividem a gente por turma, A, B e C, eles dizem que não tem um padrão, mas todo mundo sabe que tem. O povo do A, são os mais inteligentes, eles têm mais dinheiro, compram material de estudo, e todo mundo acredita mais neles. Aqui é diferente, por exemplo, os meninos precisam trabalhar. A escola já divide as salas pensando que nós não vamos conseguir determinadas profissões. Ninguém fala de medicina para nós, como essa faculdade não pudesse fazer parte do nosso projeto de vida”. (J, 3C)

“Na minha opinião a escola meio que tenta apagar essas desigualdades, mas,, elas não deixam de existir. Por exemplo, aqui todo mundo usa roupas iguais, né? A farda é padrão, até o sapato. Isso faz que todo mundo pareça igual, mas, tem gente que não tem nem dinheiro para comprar a farda. Como é que vai poder comprar, sei lá, um cursinho. Eu mesma, quero enfermagem. Ano que vem quando não precisar estudar o dia todo, vou trabalhar para pagar o cursinho” (P, 3C)

Dessa forma, vemos que a desigualdade na escola se apresenta através de formas sutis, mas, ainda sim, marcante no cotidiano dos estudantes. Isso reforça a análise de Soares (2011), em que aponta que as desigualdades no sistema de ensino estão disfarçadas nas discussões sobre fracasso escolar ligado ao mérito pessoal, na valorização de um modelo de estudante. Nas palavras da autora:

Se por um lado, é colocada a expectativa do papel “igualador” da escola e a evocação de um Estado que ofereça a educação pública e de qualidade para todos e todas, por outro, as trajetórias escolares individuais e coletivas de grupos historicamente discriminados evidenciam a formatação da função “seletivista” da escola, que passa a concretizar a desigualdade do sistema educacional. (SOARES, 2011 P.56);

Outra visão que os alunos lançaram para a escola frente às vulnerabilidades foi a de que, principalmente as instituições de tempo integral, como a escola que o estudo foi realizado, possibilitam muitos alunos acessarem direitos sociais básicos que não acessam fora do ambiente escolar, como alimentação. O colégio oferece três refeições diárias, e isso é um dos atrativos que faz com que muitos jovens se mantenham na escola. Além de proteção e segurança social, pois para a sociedade e para os participantes da pesquisa o jovem que está na escola, está teoricamente protegido da criminalidade, do uso de drogas e outras substâncias, da violência e das mazelas sociais.

*“Sem essas escolas o mundo seria pior. Porque a pobreza ainda existe, muitas famílias carentes já precisaram largar os estudos para trabalhar, e hoje podem deixar seus filhos aqui, onde vão ter comida e conforto”
(Mateus, 3C)*

Sobre essa temática, consideramos que apesar das desigualdades permearem o campo educacional e estarem presentes de maneira recorrente dentro da escola, se reconhece que a educação é um dos caminhos fundamentais para solucionar ou pelos menos mitigar as vulnerabilidades sociais existentes no nosso país, mas avaliamos também ser necessário um maior investimento nas políticas públicas de educação, bem como é essencial que as escolas estejam abertas a reconhecer as desigualdades e se colocarem como espaços de problematização e luta contra esse fenômeno. Pois trilhar caminhos que não conduzem os alunos a uma reflexão crítica sobre sua realidade, aguçará o perfil assistencialista das instituições de ensino.

O caráter assistencialista da educação, conforme apresentado por Libâneo (2006), congrega um grupo de práticas que buscam de modo imediatista atender às necessidades dos estudantes, mas que frequentemente carecem de um enfoque mais profundo e transformador. O autor argumenta que tal abordagem funciona como ferramentas que podem perpetuar a desigualdade social, já que as ações assistencialistas são muitas vezes limitadas a soluções pontuais, sem abordar as causas estruturais da exclusão e da vulnerabilidade. Assim, o assistencialismo se revela insuficiente para promover uma educação de qualidade que realmente favoreça o desenvolvimento integral do aluno e produza mobilidade social.

Além disso, Libâneo (2006) enfatiza que a educação deve ir além do mero suporte material, devendo proporcionar aos discentes uma visão crítica e

emancipatória. A educação deve ser um instrumento de transformação social, promovendo a autonomia e a cidadania. Para isso, é fundamental que as políticas educacionais se articulem com outras áreas, como saúde e assistência social, visando um atendimento mais holístico e efetivo às necessidades dos alunos. Somente dessa forma é possível romper com o ciclo de assistencialismo e construir uma educação que efetivamente contribua para a formação de indivíduos críticos e participativos na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa gerou reflexões significativas sobre o papel da escola frente às desigualdades sociais. Em particular, promoveu nos jovens uma análise crítica e reflexiva sobre esse fenômeno complexo, que permeia e marca a trajetória de vida de muitos estudantes. As narrativas coletadas revelam que a desigualdade social se manifesta de diversas maneiras no ambiente escolar, incluindo a qualidade do acesso à educação, as condições de permanência dos alunos, a valorização dos estudantes e as formas como o conhecimento é transmitido e assimilado.

Ademais, conclui-se que, embora a escola atue como um espaço que reproduz desigualdades sociais e acentua disparidades educacionais, ela também pode servir como um instrumento para a superação desses problemas. Para que essa transformação ocorra, é imprescindível que as políticas educacionais sejam reavaliadas, superando seu caráter assistencialista e se tornando verdadeiramente emancipadoras. Dessa forma, a escola poderá desempenhar um papel efetivo na construção de um futuro mais igualitário para todos os seus alunos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Isabela Starling et al. Como é a educação em Sobral: o que aconteceu no longo prazo e o que acontece no dia a dia. 1. ed. Uberlândia, MG: Idados, 2023. PDF.

ANDRADE, S. DOS S.; MEYER, D. E.. Juventudes, moratória social e gênero: flutuações identitárias e(m) histórias narradas. Educar em Revista, n. Educ. rev., 2014 (spe-1), 2014.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C. Os Herdeiros: os estudantes e a cultura. Trad. Ione Ribeiro Vale e Nilton Vale. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

CEARÁ. Secretaria Estadual da Educação. Projeto de vida como componente curricular obrigatório. Fortaleza, 20155.

DUARTE, N. S. Política social: um estudo sobre educação e pobreza. 20012, p. 259. Tese (Doutorado em Política Social) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10909/1/2012_NataliadeSouzaDuarte.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2020.

DAYREL, J. _____. A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. Cadernos de Pesquisa, n. 116, p. 21-39, julho de 2002.

INSTITUTO DE PESQUISA E ECONOMIA APLICADA (IPEA). Desigualdade de renda no Brasil: evolução e características. Brasília, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. E xperiências de vida e formação. Trad. José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação. In: Novoa, A. Finger, M. (Org). O métodoauto(biográfico) e a formação. Natal/RN. EDUFRN. São Paulo, Paulus, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 2006.

LINHARES, M.I.S.B. Aprendendo a ser trabalhador: na cadência do primeiro passo. Revista Contraponto | vol. 1 n. 1 | jan./jul. 2014.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa – características, uso e possibilidades. Cadernos de pesquisa em administração,, São Paulo. V. 1, no 3, 2osem. 1996.

PERRELI, M. A. DE S. et al.. Percursos de um grupo de pesquisa-formação: tensões e (re)construções. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 94, n. 236, p. 275–298, jan. 2013.

PINELI, Laís Vieira. Política educacional e pobreza: análise crítica sobre o Plano Distrital de Educação. 20200. 131 f. Dissertação (Mestrado em Política Social)— Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

ROCHA, N. M. F. D.; GÓIS, C. W. DE L.. Trajetórias de jovens no mundo do trabalho a partir da primeira inserção: o caso de Sísifo em Maracanaú - Ceará, Brasil. Psicologia Sociedade, v. 22, n. Psicol. Soc., 2010 22(3), set. 2010.

ROCHA, R. H et al. Avaliando os impactos das políticas educacionais de Sobral. Economia Aplicada. V. 22, n. 04. Outubro/2017.

SILVINO, F. C. S. Juventude e Escola: Reflexões Dos Jovens em Torno Da Relação Professor/aluno. Dissertação de Mestrado em Educação- Universidade Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SOARES, Sergei. Desigualdade de renda. In: CASTRO, Jorge Abraham; VAZ, Fábio Monteiro (Org.). Situação social brasileira: monitoramento das condições de vida. Brasília, DF: IPEA, 2011. p. 40-48.

SPÓSITO, M. P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre a relação juventude e escola no Brasil. In: ÂBRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Paulo Martoni (Org.). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2005.

TONET, I. Educação contra o capital. 3. ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2016.

YANOULAS, S. C. Literatura recente sobre uma antiga problemática. In: YANOULAS, S. C. (coord.). Política educacional e pobreza: múltiplas abordagens para uma relação multi-determinada. Brasília: Liber Livro, 2013, p. 25-65. Disponível em: <http://www.tedis.unb.br/imagens/pdf/Obeduc_RelatorioFinalAtividades20013_Anexo12_Livro.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2020.